

2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

“Museu, espelho meu”: Diário do Projecto VII (Agosto 2008)

Estamos a meio de Agosto. Antes de partirmos para 15 dias de férias, deixamos prontos os seis itinerários na Casa-Museu Guerra Junqueiro e os seis itinerários no Museu Nacional Soares dos Reis. De seguida serão pré-maquetados nos respectivos *GUIAS* e depois, reuniremos com estes dois museus para avaliação dessas pré-maquetas.

No início de Setembro serão também avaliadas as pré-maquetas do Museu Municipal de Faro e do Museu Municipal de Portimão.

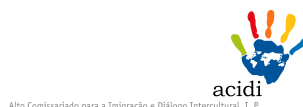
Logo a seguir, reunindo com cada um dos 9 museus participantes, iniciaremos a revisão das maquetas finais dos 27 itinerários dos nove *GUIAS* do projecto «Museu, espelho, meu».,

Continuação da divulgação dos objectos museológicos trabalhados no Projecto «Museu, espelho meu»: exemplos de objectivos e de estratégias dos *GUIAS* (VER FOTOGRAFIAS NESTE SITE)

Quando relógios como o **relógio de ponto** da fábrica de conserva de peixe dos «Hermanos FEU», actualmente exposto no **Museu Municipal de Portimão**, começaram a ser utilizados nas fábricas, finalmente os operários começaram a poder provar o número de horas que tinham trabalhado.

O registo da contagem do tempo de trabalho permitiu saber qual era o horário e o número de horas que os operários trabalhavam.

O horário de trabalho era muito variável porque estava dependente da chegada de peixe ao cais. À chegada à fábrica, cada operário registava a hora de início do trabalho. Podiam começar a trabalhar de madrugada, de manhã, à tarde ou à noite.



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

O número de horas seguidas de trabalho dependia da quantidade de peixe que nesse dia tivesse sido pescado. Muitas vezes trabalhavam 14 horas seguidas, com um intervalo de uma hora para almoçar e outro intervalo de uma hora para jantar.

Assim que ouviam o apito ou a sirene da sua fábrica, as operárias saíam apressadamente das suas casas para virem trabalhar. Muitas traziam os filhos pequeninos, por não terem com quem os deixar.

Ganhavam por hora de trabalho. Quanto mais peixe havia para enlatar mais horas trabalhavam, mais dinheiro ganhavam. Mas era dura e mal paga a vida destes operários. Começavam a trabalhar muito jovens. A maioria nunca foi à escola, não sabia ler nem escrever.

Quanto às tarefas da fábrica, que exigiam muita precisão e atenção, as jovens operárias aprendiam com as operárias mais velhas. E o mesmo se passava com os rapazes, em relação ao trabalho realizado pelos homens.

As mulheres tinham como principais tarefas as directamente ligadas à preparação do peixe (descabeço, lavagem, salmoura, colocação nas grades, preparação final do peixe e enlatamento). Os homens tinham sobretudo a responsabilidade das tarefas ligadas ao transporte (do peixe, das grades, das latas) e do fabrico da lata. Eram também eles quem manipulavam as máquinas cravadeiras.

Na **Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves**, ao ritmo ternário, há-de dançar o par familiar ao pintor Columbano Bordalo Pinheiro, se o **Convite à valsa** vier a ser aceite!

Habitado a frequentar os serões nos salões das casas burguesas lisboetas de fim de oitocentos, o mestre Columbano – que depois seria Professor na escola



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

das Belas Artes e Director do Museu de Arte Contemporânea, em edifício comum – representou sobre um pequeno quadrado de cartão (21,5 x 26 cm) uma cena a que assistem, além de nós, duas figuras.

O modo como estão vestidas as duas mulheres e os dois homens, o que cada uma faz, o que nos é dado a ver do lugar em que se reuniram... são indícios de uma pintura que não quer banalizar costumes mas antes traduzir, no reduzido espaço do suporte, a contida sedução entre o par que não tarda dançar, alheio à nossa atenção.

Hoje em dia, continua a haver pessoas que se reúnem para dançarem. Em festas, em casa, nas discotecas, juntas ou separadas, porque dançam as pessoas? (Eu sinto-me muito bem quando danço!)

A pintura ***Esaú e Jacob***, pertencente à colecção do **Museu Municipal de Faro**, bebe a sua iconografia num dos episódios narrados no Antigo Testamento.

A figura que mais chama a nossa atenção é um velho. Parece estar tão cansado que nem consegue apoiar-se no seu cajado. (O cajado de Jacob aponta para um cão). Sem forças, tem que ser ajudado por seis homens que o rodeiam. Um desses homens ampara-o pelo braço.

O velho acabou de chegar, falta-lhe ainda um degrau para poder entrar dentro desta grande casa. Atrás de si vieram muitas pessoas. Umas já estão a pousar os potes que trouxeram. Mais atrás, uma mulher desmonta de um cavalo. Mais longe, vêm entrando pessoas na cidade, passando por baixo do arco.

Se quem chega é Jacob, então este lugar é o Egipto.



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Passaram-se muitos anos desde que Jacob daqui partiu zangado com o seu irmão Esaú. Veio para fazer as pazes. E trouxe consigo o seu povo, o povo de Israel.

A autoria desta pintura foi atribuída a uma oficina sevilhana. (Ressalve-se que esta pintura está tão suja que aguarda-se, a qualquer momento, que seja retirada da exposição para ser limpa e restaurada em Lisboa).

Quando *seguimos o cão*, que no quadro de *Esaú e Jacob* dificilmente escapa a nossa atenção, até ao quadro *Saúl e David* que está exposto mesmo ao lado daquele, deparamos como um enigma!

Entre o rei Saúl e o jovem David (que há-de tocar a sua lira para acalmar a ira de Saúl) está *o mesmo cão* que vimos perto de Jacob!

A autoria da pintura *Saúl e David* foi atribuída a uma oficina florentina.

Se estas duas pinturas tiverem sido feitas na segunda metade do século XVII em países diferentes, e distantes um do outro, como se poderá explicar que o *mesmo cão* tenha passado de uma para a outra pintura?

Se começarmos a olhar com mais atenção reparamos que há outras parecenças entre estas duas pinturas?

As notas são o exemplo mais corrente de papel-moeda. A entidade emissora da **nota de 1000\$00** (mil escudos) do **Museu do Papel Moeda** da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda é o Banco de Portugal.

Como é que esta nota foi feita?



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Na vitrina em que está exposta a nota de 1000\$00, emitida em 17 de Setembro de 1920, destacada no *GUIA*, o visitante encontra documentação sobre o desenho da nota (*estudo gráfico*).

Até a nota estar concluída foi necessário passar por várias fases, ela não foi desenhada toda de uma só vez. Observando as provas de notas expostas nessa vitrina, o visitante pode identificar os vários processos pelos quais a nota passou. A nota foi fabricada na casa inglesa Bradbury, Wilkinson & Co. Ltd..

Reparemos nos elementos da nota. Uma nota tem uma frente e um verso.

Na frente tem: o valor, o Banco que a emitiu (letreros e selo do banco), o número de série, as assinaturas (Governador, Vice-governador, Director, Administrador), a data de emissão, a imagem de uma pessoa (efígie, medalhão ou moldura), o desenho de um monumento, cidade ou acontecimento (painel) e uma pequena imagem que serve de ornamento ou ilustração (vinheta) e n.º de chapa.

No verso tem, também, o valor, o Banco Emissor e um desenho de um monumento, cidade ou acontecimento (painel).

Do tempo do escudo ao tempo do euro

A última emissão de notas em escudos foi feita em 1996. Desde 1 de Janeiro de 2002 que o euro é usado como moeda em Portugal. Existem notas de 5, 10, 20, 50, 100, 200 e de 500 euros.

Actualmente, o euro é a moeda comum a 16 dos 27 países que fazem parte da “Comunidade Económica Europeia”. Esses 16 países são: Alemanha, Andorra, Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Mónaco, Países Baixos, Portugal, São Marino e Vaticano. As entidades emissoras do euro são o Banco Central Europeu e os Bancos



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Centrais Nacionais. O Banco Central Nacional de Portugal é o Banco de Portugal.

A destruição do dinheiro

(É sugerido ao visitante que consulte a planta do museu do seu GUIA e que se dirija até à PIRAMIDE 15)

O que aconteceu a todas as notas de escudo que deixaram de circular?

Sempre que o Banco de Portugal decidiu retirar notas de circulação, começou por registar informações como a quantidade de notas que ia ser destruída, o número de série dessas notas e o seu valor e data de emissão.

Existiram várias formas de destruição de notas. No início dobrava-se a nota em quatro e, com uma tesoura, eliminava-se a parte central da nota. Quando se deixou de usar a tesoura, passou-se a usar uma máquina que fazia um furo na nota. Depois passou a usar-se uma máquina, não com um, mas com três furos. Por vezes também se destruíam as notas queimando-as.

Hoje em dia, o processo é mecânico. Há uma máquina que destrói as notas e as transforma em “chouriços”. E cada chouriço desses tem a cor predominante da nota.

Anota as diferenças

Construímos um jogo a partir das seis notas que estão na vitrina da nota de 1000\$00. Qualquer uma destas notas tem o valor de mil escudos. Mas existem vários elementos que as diferenciam. Destacamos dois desses elementos, reproduzindo-os no *GUIA*: as efígies e os painéis.

É pedido ao visitante/utilizador do *GUIA* (a partir dos 10 anos) que observe as seis notas no museu e que, no seu *GUIA*, associe cada elemento à respectiva nota.



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Já aqui foi divulgada [Diário do Projecto II], como um dos objectos dos itinerários no Museu Nacional de Arte Antiga dos *GUIAS* deste projecto, a caixa de alimentos namban.

Quisemos saber para onde seguiam os *namban-jin* (bárbaros do Sul = portugueses) representados nessa caixa, assim em grupo?! A resposta pode ser encontrada pelos visitantes, logo ali no museu, nos dois pares de biombos expostos perto da caixa.

O tema do “desembarque das naus” portuguesas (em que as mercadorias transportadas desde a Europa, de África, da Índia, da China eram descarregadas para pequenos botes) e o tema do “cortejo” dos *namban jin* por terras nipónicas, podem ser também observados no par de **biombos namban** da colecção do **Museu Nacional Soares dos Reis**.

O tratamento muito atento do traje ajuda-nos a diferenciar entre os *namban jin*: aristocratas, comerciantes e escravos. E, Jesuítas, Dominicanos e Franciscanos.

Espantoso inventário de diferenciadas ocupações, diferentemente contextualizadas (no interior da nau; no interior dos botes; entre os botes e o cais; perto das árvores; dentro das lojas, das casas, da igreja...) cada uma das figuras representadas documenta esse encontro entre pessoas que, à medida que se vão conhecendo, vão deixando de ser estranhas entre si, porque vão mutuamente aprendendo e, nalguns casos até adoptando, hábitos e costumes de umas e de outras.

Uma prova imediata da importância que esse encontro teve para os japoneses é precisamente a sua decisão de criarem a chamada arte namban, entre os finais do século XVI e o início do século XVII, a que pertencem objectos como estes biombos. Segundo Tadao Takamizawa, um dos especialistas no estudo da arte namban, este par de biombos data do período entre 1593 e 1605.



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

O **Museu Nacional do Teatro**, aberto ao público desde 1985, deve o núcleo inicial da sua colecção ao Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo.

Graças a esta organização, foi preservado um espólio que, nos seus milhares de objectos, documenta centenas de espectáculos (sobretudo) de teatro, criados ao longo de várias décadas.

Performativo por natureza, do espectáculo pode ficar tudo o que foi construído durante o seu processo de criação.

Os figurinos desenhados por José de Almada Negreiros para o espectáculo *Auto da Alma*, interpretado pela Companhia Teatral Rey Colaço Robles Monteiro, numa única actuação, em 1965, não pertencem à colecção do Museu Nacional do Teatro. Mas pertencem os doze trajes de cena confeccionados a partir desses desenhos originais de Almada Negreiros!

A consulta das fichas da «MatrizNet – Colecções dos Museus IPM» criadas para cada um destes doze trajes de cena, permite-nos ficar informados sobre os vários elementos que os compõem (as peças de vestuário de cada personagem são descritas sendo identificado o tipo de tecido e a forma dos moldes e dos elementos ornamentais de cada peça do traje de cena).

Almada descrevia o teatro como «o escaparate de todas as artes». Ao responder afirmativamente ao convite feito por Amélia Rey Colaço para ser responsável pela encenação e criação dos figurinos, cenários e adereços de cena deste «Auto da Alma», Almada criou a oportunidade de mostrar no palco do Teatro Nacional de S. Carlos um espectáculo com uma forte marca autoral: refiram-se como exemplos os muitos olhos de tecido que enchem o traje de cena do «Anjo» ou os vitrais da estalagem em que a «Alma», depois de escapar à tentação mundana oferecida pelo «Primeiro Diabo» e pelo «Segundo Diabo», é recebida pela «Igreja» e pelos seus «Doubres».



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

No *GUIA* para visitantes a partir dos 3 anos, o itinerário no Museu Nacional do Teatro inicia com os trajes de cena do espectáculo do Ballet Gulbenkian intitulado *Pra lá e pra cá*, apresentado na temporada de 1998-1999. Estes **trajes de cena foram feitos a partir dos figurinos desenhados por Paula Rego.**

No museu chamamos a atenção dos meninos para:

Uma grande cabeça de gato que até já vestiu um fato.

Um carneiro enorme que dançou ballet.

Um pássaro de bico amarelo com uma saia bem rodada.

Três ovos pretos que não servem para fazer gemada!

E uma galinha vestida de criada.

A Paula Rego desenhou os fatos.

Os costureiros fizeram os fatos.

Os bailarinos vestiram os fatos. E ao som da música, dançaram *pra lá e pra cá*.

A Paula Rego inventou estes desenhos a partir de histórias inglesas para adormecer meninos! Essas histórias são lengalengas!

Há lengalengas de que nunca nos esquecemos, porque passam de boca em boca... ou porque são guardadas nos livros.

Uma lengalenga pode ser uma cantilena muito curta:

Conheces esta?

Tão, balalão,

Cabeça de cão,

Orelhas de gato,

Não tem coração!

Ou então uma lengalenga pode ser uma história muito longa...

Só acaba quando tu quiseres!...

Uma lengalenga pode demorar tanto tempo que até te dá sono!



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

O **colete afegão** é uma das peças de vestuário do traje hippie que faz parte do acervo da exposição criada pelo **Museu Nacional do Traje**, no âmbito do «Ano Europeu do Dialogo Intercultural, 2008».

Uma *amostra* de pele de cabra bordada serve como exemplo de uma das propostas de jogo feita no *GUIA* para os visitantes a partir dos 10 anos. Pertence a um colete. Para ser vestido por um homem ou por uma mulher. É do chamado *colete afegão*, porque era feito no Afeganistão.

Quero saber mais...

Ora nos meados da década de 1960, nos Estados Unidos e, continuando pela década de 1970, em vários países da Europa, muitas pessoas, na sua maioria jovens, decidiram passar a viver de um modo que prescindisse de tudo o que estivesse ligado à guerra e ao poder nacionalista tal como era defendido pelos governos ocidentais.

A 15 de Agosto de 1969, começou ao norte de Nova York o festival de rock *Woodstock* em que se apresentaram os mais conhecidos músicos desse género. Quase meio milhão de pessoas festejou durante três dias. Esse festival é considerado desde então o auge do movimento hippie. (No museu é projectada uma filmagem desse festival!)

Viviam em comunidades, eram pacifistas. O seu modo de vestir ficou ligado a peças de vestuário como as jardineiras à «boca de sino» e saias, coletes, túnicas indianas, ou inspiradas nas que eram feitas na Índia.

A Índia foi o país de referência para o movimento hippie, como exemplo de pacifismo, na figura de Mahatma Ghandi (1869-1948), e de espiritualidade praticada pelos cultos religiosos hindu e budista. A viagem mais desejada pelos hippies atravessava a Europa até à Turquia, seguia pelo Irão e pelo o Afeganistão até chegar à Índia.



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Marfim sobre madeira.

À colecção do **Museu Nacional de Arte Antiga** pertence o **contador** feito na Índia, no início do século XVII, durante o período em que foi governada pelo império **Mogol**.

Falcoeiros, cavaleiros, caçadores a pé, servas e seus senhores, espantosos *simourg* (pássaros míticos persas que em cada pata seguram um elefante, e no bico outro), e felinos selvagens, lebres e passarinhos agitados ou especados, são figurinhas habilidosamente recortadas em placas de marfim e marchetadas na madeira de sissó.

A origem dos contadores é inglesa (vem de *cabinet*), mas o nome contador é português.

O contador era utilizado para guardar objectos valiosos e, em si mesmo, também era considerado um objecto valioso, por causa da qualidade do trabalho de quem o fez e em que utilizou materiais que para os europeus eram muito preciosos: as madeiras teca (madeira muito dura que existia na Índia e na Indonésia) e sissó (madeira preta), e o marfim não existiam na Europa!

Assim, este contador documenta os encontros entre os ocidentais e os orientais. Desde logo na sua tipologia. É formado por duas partes: uma *trempe* = armário baixo com duas portas (tem dentro duas gavetas e um gavetão corrido) e um móvel com gavetas. Por outro lado, estes móveis eram feitos para os europeus que ficavam a viver no Oriente ou para os que decidiam viver na Europa distante. E ainda porque as figuras de marfim representam cenas com animais e com humanos ligadas a hábitos e histórias indianas e de outros povos orientais, bem como cenas de caça ligadas à tradição dos fidalgos ocidentais.



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

O escritor Guerra Junqueiro nunca morou na casa onde, em 1942, foi instalada a sua casa-museu. Porque se chama então a este museu Casa-Museu Guerra Junqueiro?

Pensemos num decalque: temos um desenho numa folha e queremos passá-lo, o mais parecido possível, para outra folha. Podemos decalcá-lo.

Foi mais ou menos o que aconteceu à casa onde viveu Guerra Junqueiro. Todas as zonas dessa casa foram fotografadas. Tudo o que existia nessa casa foi transportado para esta outra casa e foi montado nas várias salas, de maneira a parecer-se o mais possível com a forma como estava arrumada a casa onde realmente o escritor viveu.

É um museu porque tudo o que aqui vemos pertence a uma colecção oferecida pelas herdeiras de Guerra Junqueiro – a sua mulher e a sua filha mais velha – à cidade do Porto. E o que pertence a uma cidade pertence a todos os cidadãos.

Então, na **Casa-Museu Guerra Junqueiro** quer dar-se a conhecer o gosto do coleccionador expondo grande parte da sua colecção do modo como o coleccionador a teve exposta na sua casa.

Um dos núcleos de cerâmica exposta na «sala de jantar» da Casa-Museu é a chamada cerâmica «hispano-árabe». São taças, pratos, salvas e jarros, decoradas com reflexo metálico.

A esse núcleo raro, composto por 45 peças, pertence o **prato de Manizes** (cidade perto de Valência) criado no século XVI, que integra o itinerário do *GUIA* dos visitantes a partir dos 10 anos.

Reservando-lhe uma função decorativa, Guerra Junqueiro dispunha grande parte da loiça da sua colecção como uma pintura (de cavalete) ou uma



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

tapeçaria: ao pendurar o prato na parede, o pássaro de reflexos metálicos pintado no fundo do prato, é visto num plano vertical, frontal ao nosso olhar.

(Ainda que Guerra Junqueiro nunca tenha jantado nesta sala de jantar...)

Sofia Lapa, 30 de Agosto 2008

